

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
GEOGRAFIA - LICENCIATURA

VINICIUS MATOS DE SOUZA

**MOLDANDO A FIBRA DA BANANA:  
CULTURA E ARTESANATO EM VICÊNCIA, PERNAMBUCO**

RECIFE  
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
GEOGRAFIA - LICENCIATURA

VINICIUS MATOS DE SOUZA

**MOLDANDO A FIBRA DA BANANA:  
CULTURA E ARTESANATO EM VICÊNCIA, PERNAMBUCO**

TCC apresentado ao curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, no Departamento de Ciências Geográficas, como requisito para a obtenção do título de Graduado e Licenciado em Geografia.

Orientador: Caio Maciel  
Titulação: Doutor

RECIFE  
2023

Souza, Vinícius Matos de.

**MOLDANDO A FIBRA DA BANANA: CULTURA E ARTESANATO  
EM VICÊNCIA, PERNAMBUCO / Vinícius Matos de Souza. - Recife, 2023.**

38 p. : il.

Orientador(a): Caio Augusto Amorim Amorim Maciel

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia - Licenciatura,  
2023.

Inclui referências, apêndices.

1. Bonecas de Palha de Banana. 2. Artesanato. 3. Vicência. 4.  
Pernambuco. I. Amorim Maciel, Caio Augusto Amorim . (Orientação). II. Título.

910 CDD (22.ed.)

## FOLHA DE APROVAÇÃO

VINICIUS MATOS DE SOUZA

### **MOLDANDO A FIBRA DA BANANA: CULTURA E ARTESANATO EM VICÊNCIA, PERNAMBUCO**

TCC apresentado ao curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, no Departamento de Ciências Geográficas, como requisito para a obtenção do título de Graduado e Licenciado em Geografia.

Aprovada em: 29 / 09 / 2023.

#### BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



CAIO AUGUSTO AMORIM MACIEL

Data: 20/02/2025 11:40:29-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Caio Amorim Maciel

Nome do Professor

Instituição

Priscila Batista Vasconcelos

Nome do Professor

Instituição

Talitha Lucena de Vasconcelos

Nome do Professor

Instituição

## RESUMO

A cultura de banana desempenha um papel significativo na cidade de Vicência, localizada no estado de Pernambuco, Brasil. Essa atividade agrícola não apenas sustenta a economia local, mas também propicia tradições culturais que ajudam a promover o desenvolvimento sustentável da região, como o uso da fibra da bananeira para o artesanato. Com uma longa história ligada à produção e uso da palha de banana, Vicência se destaca como um importante centro para essa prática, proporcionando benefícios econômicos, sociais e ambientais. A palha de banana é uma matéria-prima versátil e ecologicamente correta que desempenha um papel fundamental na vida dos vicencianos. Ela é amplamente utilizada na fabricação de artesanatos, como cestas, bolsas, chapéus e outros produtos decorativos. A habilidade de transformar a palha em belos objetos artesanais tem sido transmitida de geração em geração, enraizando a prática no tecido cultural da cidade. Os artesãos locais demonstram maestria na manipulação da palha, criando peças únicas que representam a identidade cultural e a herança de Vicência. Além do valor cultural, a cultura da palha de banana desempenha um papel econômico vital para a cidade. A produção de artesanato em palha de banana gera renda para muitas famílias locais, proporcionando uma fonte de sustento e emprego. A comercialização desses produtos também contribui para a economia local, atraindo turistas e consumidores interessados em adquirir lembranças autênticas e sustentáveis.

Foi realizado um estudo qualitativo do artesanato de bonecos de palha de bananeira em Vicência por meio de entrevistas estruturadas nas próprias residências das artesãs. Esta abordagem permitiu a coleta de dados, garantindo informações precisas sobre as práticas artesanais, a produção e os desafios enfrentados pelos artesãos. As entrevistas forneceram dados sobre as condições de trabalho e motivações pessoais dos artesãos, enriquecendo a análise quantitativa. Os dados recolhidos são cruciais para a compreensão da dinâmica econômica e social envolvida na produção de bonecas, permitindo uma análise abrangente do seu impacto na comunidade local. Além de preservar tradições culturais únicas e promover o desenvolvimento econômico local, essa prática também desencadeia impactos ambientais positivos ao reutilizar um subproduto agrícola. A habilidade de transformar a palha em belos artesanatos não apenas gera renda, mas também fortalece os laços sociais e cria uma identidade geográfica.

Palavras-Chave: Artesanato, Bonecas de palha de banana, Vicência, Pernambuco

## **ABSTRACT**

Banana farming plays a significant role in the city of Vicência, located in the state of Pernambuco, Brazil. This agricultural activity not only sustains the local economy, but also fosters cultural traditions that help promote the sustainable development of the region, such as the use of banana fiber for handicrafts. With a long history of banana straw production and use, Vicência stands out as an important center for this practice, providing economic, social and environmental benefits. Banana straw is a versatile and environmentally friendly raw material that plays a fundamental role in the lives of the people of Vicência. It is widely used in the production of handicrafts, such as baskets, bags, hats and other decorative products. The skill of transforming straw into beautiful handcrafted objects has been passed down from generation to generation, ingraining the practice in the cultural fabric of the city. Local artisans demonstrate mastery in manipulating straw, creating unique pieces that represent the cultural identity and heritage of Vicência. In addition to its cultural value, banana straw farming plays a vital economic role for the city. The production of banana straw handicrafts generates income for many local families, providing a source of livelihood and employment. The marketing of these products also contributes to the local economy, attracting tourists and consumers interested in purchasing authentic and sustainable souvenirs.

A qualitative study of banana straw doll crafts in Vicência was conducted through structured interviews in the artisans' own homes. This approach allowed for the collection of data, ensuring accurate information on the artisanal practices, production and challenges faced by the artisans. The interviews provided data on the working conditions and personal motivations of the artisans, enriching the quantitative analysis. The data collected are crucial for understanding the economic and social dynamics involved in the production of dolls, allowing for a comprehensive analysis of their impact on the local community. In addition to preserving unique cultural traditions and promoting local economic development, this practice also triggers positive environmental impacts by reusing an agricultural byproduct. The ability to transform straw into beautiful handicrafts not only generates income, but also strengthens social ties and creates a geographic identity.

**Keywords:** Crafts, Banana straw dolls, Vicência; Pernambuco

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Localização da cidade de Vicência no Estado de Pernambuco. ....	14
<b>Figura 2</b> – Mapa da localização de Vicência .....	14
<b>Figura 3</b> – Tronco da Banana – Vicência .....	17
<b>Figura 4</b> – Artesanato diversos com Fibra de Banana .....	20
<b>Figura 5</b> – Bonecas Sinhás & Mestre Vera Brito.....	23
<b>Figura 6</b> – Mercado Público de Vicência .....	25
<b>Figura 7</b> – Artesanato com reciclagem de pneus .....	27
<b>Figura 8</b> – Dona Flora Travassos e seu artesanato.....	28
<b>Figura 9</b> - Mestra Vera Brito recebendo sua titulação de patrimônio vivo.....	31

PRÓLOGO.....	8
INTRODUÇÃO.....	9
1 O ARTESANATO E A BANANA UMA MISTURA QUE DEU CERTO.....	13
1.1 Formação territorial e cultural .....	13
1.2 A produção da banana e seu papel na cultura de artesanato para Vicência .....	15
1.2.1 A fibra da banana em Vicência: aspectos do seu uso artesanal .....	17
2 O ARTESANATO E O ENGENHO: ONDE O LUDICO CRIA FORMA.....	20
3 APRENDIZADO NO ARTESANATO APÓS UMA PANDEMIA .....	29
3.1 Patrimônio vivo e Mestra Vera Brito de Vicência.....	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35 e 36
APÊNDICE.....	37
<b>Apêndice A</b> Questionário de Artesanato.....	37
<b>Apêndice B</b> Questionário de Artesanato.....	38

## PRÓLOGO

Nasci em São Paulo, capital, e me recordo de sempre estar rodeado na minha infância de pessoas que se vestiam e falavam diferente de mim, foi quando meu pai me apresentou ao mundo e suas infinitas possibilidades ao me explicar que aquelas pessoas que moravam ao nosso entorno em suas casas de palhas simples e sempre cantando eram indígenas (povos originários) e que eles se vestiam e agiam assim pois era típico de sua cultura. Desde muito cedo a multiculturalidade estava agindo em nossa família, pois filho de um pai mineiro e uma mãe maranhense e vizinhos de indígenas, teve tudo para minha infância ser de grande contanto com uma gama de diversidades culturais e influências geográficas de meu pai; ao crescer a gente acaba se esquecendo de fatos e detalhes que por vezes vêm à tona por meio de lapsos temporais e isso é que o grande “barato” da vida.

Ao me mudar para Pernambuco, fui acolhido por uma cidade do interior de nome não muito comum chamada Vicência e lá chegando me deparei com uma gama de informações culturais e históricas que expandiram meu olhar, uma delas foi a confecção de bonecas artesanais feitas exclusivamente da palha da bananeira e não fosse só isso conheci outras formas de utilização e aplicabilidades para a mesma. Quando me dei conta já estava totalmente envolvido e querendo saber mais sobre essa cultura. Em 2016 depois de longas décadas finalmente ingressei no ensino superior no curso de Licenciatura em Geografia e desde então a cultura se fez muito mais forte em mim, já olhava para a minha cidade com outro olhar, tentando entender o porquê daquela característica local não ser tão vista ou falada pelos próprios moradores, muitos nem sabem que ali existe essa cultura com folha de bananeira, logo me propus a pesquisar e a tentar entender o porquê das pessoas não saberem, falarem ou não haver uma ampla divulgação pelos próprios meios de divulgação da cidade sobre o artesanato da fibra de bananeira. Este trabalho de conclusão de curso tornou-se a oportunidade de sistematizar algumas de minhas inquietações acerca do assunto que despertou meu olhar geográfico.

## INTRODUÇÃO

Enquanto campo de saberes e conhecimentos acadêmicos a Geografia busca através de uma leitura e observação entender e compreender fenômenos espaciais, como a localização e a distribuição de seus aspectos físicos e culturais bem como as interações sociais dos homens com as paisagens que o cercam. Assim, busca fazer uma interpretação dos simbolismos e matrizes que uma determinada sociedade utiliza para se expressar culturalmente, de forma a entender como afetam o indivíduo e como o indivíduo afeta o mundo.

Como diz Claval (1999:12), “a cultura que interessa aos geógrafos é primeiramente constituída pelos conjuntos dos artefatos, do Know-How e dos conhecimentos através dos quais os homens mediatizam suas relações com o meio natural.” A cultura de uma sociedade diz muito sobre seu povo e suas formações durante os séculos, a sabedoria adquirida e passada por gerações e adaptada a novos tempos. Numa escala de relações sociais temos o artesanato como grande destaque se apresentando como uma ferramenta de renda para os menos favorecidos em localidades rurais e que sempre tiveram que tirar das adversidades muita criatividade para manter suas rendas.

O trabalho de produtores artesanais pode jogar um papel mais expressivo na economia regional do que mero coadjuvante enquanto fonte de produtos “pitorescos” ou “folclóricos”. Isto porque, muitos itens conseguem tornar-se elemento-chave em economias municipais, incentivam o comércio e o turismo configurando paisagens e organizando territórios. Assim, faz sentido refletir sobre a prosperidade de comunidades notabilizadas em Pernambuco em razão da produção artesanal. (SILVA, 2018, P. 18).

O presente estudo trata – se de uma pesquisa qualitativa que envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seu autor buscou as coisas em seus cenários naturais e sociais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Segundo Moreira (2002, p. 52), a observação participante é conceituada como sendo “uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental”. Foi aplicado neste estudo um questionário qualitativo, no qual se chegou a diversas análises que serão apresentadas no decorrer do trabalho. A relevância desta pesquisa é fundamental para compreensão sócio espacial das lacunas geradas pelas desigualdades culturais no âmbito do artesanato. O

estudo se baseou em sua grande parte na coleta de respostas através das entrevistas (ver apêndice A e B), contando com a participação total de 20 mulheres divididas em 5 que trabalham com o artesanato na área mais urbana da cidade e 15 mulheres que se encontram na área mais rural da cidade em um processo de pertencimento de localidade onde preferem fazer seus artesanatos em suas próprias casas. Dentro do quantitativo de mulheres entrevistadas que trabalham com artesanato ficou esclarecido que muitas dessas artesãs trabalhadoras ainda se submetem ao exercício de outros serviços para manter a renda e sustento da família.

O artesanato de Vicência é localizado nas casas de pequenos artesões que se dividem entre as tarefas domésticas e os afazeres do campo, onde sua casa se transforma totalmente em humildes ateliês que dão asas a sua imaginação e demonstram um potencial enorme para o crescimento da cidade, produzindo uma diversidade de itens como: sandálias, bolsas, bonecas, arranjos religiosos e natalinos, dentre outros artigos, tudo isso feito através da fibra e da palha da bananeira que desempenha um papel muito importante na economia por ser totalmente aproveitada, não apenas o seu fruto mas também desde as suas folhas até seu tronco para o uso artesanal. Para a interação social por meio de entrevistas objetivou-se o início das coletas de dados em circunstâncias informais na cidade de Vicência-PE. De acordo com Gil (2008), as entrevistas informais possibilitam uma visão geral do problema em análise, percebendo nuances da personalidade do entrevistado, premissa importante para investigações exploratórias, guiando a conversa de modo que sejam fornecidos dados pelos informantes-chave (especialistas no tema, líderes comunitários, de associações, etc.).

Foi elaborado um questionário constituído por 20 perguntas curtas e simples, todas elas comportando uma categoria de respostas pessoais. Muitas perguntas do questionário estavam interligadas e na dependência das respostas obtidas realizando assim um quantitativo final de respostas que se resultou em 20 artesãs. O questionário foi construído de modo a viabilizar a opção do sistema pela realização de entrevistas pessoalmente com as artesãs, muitas em seu lar que se localiza bem à frente dos canais onde muito dos seus familiares ali trabalham. Os depoimentos das artesãs possibilitaram a escrita de um trabalho mais fidedigno à realidade do artesanato de fibra de banana. Trouxeram à luz informações relativas à condição de vida e ao trabalho com o artesanato: acesso à educação, trabalho, jornadas de trabalho, tarefas domésticas, remuneração, dentre outros. É pouco possível também que, sem o uso dos questionários, fosse possível conhecer

aspectos da vida privada das artesãs tais como educação, casamento, vida conjugal e as discussões sobre as relações de gênero.

Vista sob um olhar mais dinâmico o artesanato traz à economia do Estado uma geração de renda não só por suas peças confeccionadas na localidade, pois essas mesmas alcançam hoje outros municípios, Estados e até outros países. Mas temos a gastronomia e o turismo sendo movimentados por esse grande ciclo regional. Assim, temos os chamados sítios históricos e culturais espalhados por diversas partes da Região da Mata Norte; no caso específico do município estudado, há simbologias como a “Terra do Voo livre”, A Terra dos Engenhos e a Terra da Banana<sup>1</sup>: todas essas nomenclaturas se referem à cidade de Vicência que será objeto desse estudo e de como ele têm um potencial e um papel fundamental para a cultura de artesanato do Estado. Através do estudo dos artesões dessa cidade que nos trazem uma riqueza enorme de saberes e conhecimentos e técnicas de criação de Bonecas Sinhás e Santos católicos com a fibra da Banana, e junto a este conjunto uma agregação de valores aos seus trabalhos nos apresenta um velho (novo) olhar sobre a banana, não apenas pelo seu valor como fruta mais como um importante meio transformador cultural e social desse município.

Vicência é famosa pela prática de voo livre, utilizando o Pico do Engenho Jundiá, na Serra do Mascarenhas. Também chama atenção a festa dedicada à Senhora da Conceição, devoção do mesmo Engenho Jundiá. Um dos maiores patrimônios de Vicência é o teatro de mamulengo do Mestre Calu. Refletindo sobre a cultura através do artesanato vamos ver como esse município adquiriu sua identidade em meio à monocultura da cana de açúcar e dos grandes produtores de banana. Reconhecer essa cultura local é importante para se perceber a história do lugar, as origens dos moradores que ali vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como fazem e usufruem do espaço, isso resgata a questão de identidade e o pertencimento das pessoas, e as verdades e valores que pautam as relações entre elas, é importante entender como o espaço é produzido, como as populações vivem e trabalham, como nenhum lugar se explica por si mesmo, é necessário o exercício constante da teorização, estabelecendo ligações e buscando as explicações em nível regional e nacional. Por estas e outras razões, existem diferentes relações que se pode estabelecer com o artesanato. Este pode ser o principal sustento; uma forma de

---

<sup>1</sup> O aposto de “terra da banana” tem a ver, principalmente, com a grande lavoura bananicultora do município, porém neste TCC o interesse recai sobre a produção artesanal de produtos da fibra da banana, que apesar de muito mais modesta coloca Vicência no mapa da produção de arte popular.

expressão; uma identidade; estratégia de se engajar numa atividade financeira como alternativa perante a crise econômica e o desemprego, mas em todo caso é a maneira pela qual comunidades e indivíduos urbanos e rurais conseguem conciliar modos de viver e sobreviver (SILVA, 2018, p. 46).

## **1 O ARTESANATO E A BANANA: UMA MISTURA QUE DEU CERTO**

### **1.1. Formação territorial e cultural de Vicência**

Em 1850 as terras do município eram conhecidas, apenas, como um rincão rural. (IBGE, 2019) Apesar de não ter denominação contam-se que ali havia a residência de uma senhora, muito católica, conhecida pelo nome de Vicência de Melo. O rancho de dona Vicência era constantemente procurado pelos almocreves que viajavam para Goiana e municípios vizinhos. Essa localidade que por sua posição geográfica tornou-se um ponto de encontro daqueles condutores de mercadorias que por ali passavam e paravam para descansar, foi gradativamente tornando-se um povoado. Nas proximidades da sua residência, dona Vicência, construiu uma capela sob o nome de Santana, reservando para o patrimônio 40 braças de terra, em luadro. Em, 1856, padre João Crisóstomo iniciou a construção de uma capela que foi concluída em 1859, tendo sido orientador o capuchinho Frei Caetano de Messina. (IBGE, 2019).

Distrito criado com a denominação de Vicência, pela lei provincial nº 1448, de 05-06-1879 e por lei municipal nº 5, de 30-11-1892. Subordinado ao município de Nazaré. Elevado à categoria de vila com a denominação de Vicência, pelo decreto estadual de 30-05-1891. Pela lei estadual nº 72, de 16-05-1895 a vila foi extinta. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o distrito de Vicência figura no município de Nazaré. Elevado novamente à categoria de município com a denominação, pela lei estadual nº 1931, de 11-09-1928, desmembrado de Nazaré. Sede no antigo distrito de Vicência. Constituído de 2 distritos: Vicência e Sapé. Instalado em 01-01-1929 (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/vicencia/historico>, acessado em 2019).

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município é constituído de 2 distritos: Vicência e Sapé. Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937. Pelo decreto-lei estadual nº 952, de 31-12-1943, o distrito de Sapé passou a denominar-se Murupé. Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído de 2 distritos: Vicência e Murupé ex-Sapé. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005. Hoje o município se estende por 228 km<sup>2</sup> e contava com 30 732 habitantes no último censo. A densidade demográfica é de 134,8 habitantes por km<sup>2</sup> no território do município (IBGE, 2019). Vizinho dos municípios de Aliança, Macaparana e Nazaré da Mata essa última com uma forte cultura centrada no maracatu e com uma boa economia que abriga um campus do colégio de aplicação. Vicência se situa

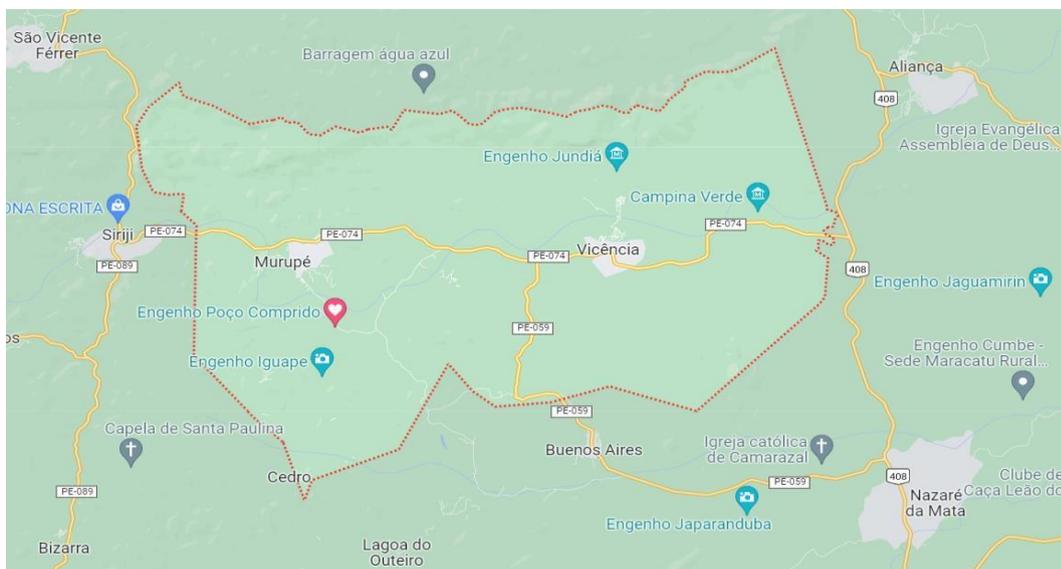
a 12 km a Sul-Oeste de Aliança a maior cidade nos arredores. Situado a 157 metros de altitude, de Vicência tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 7° 40' 6" Sul, Longitude: 35° 19' 39" Oeste. Mesorregião da Mata Pernambucana e Microrregião da Mata Setentrional Pernambucana (Cidade Brasil).

**Figura 1** – Localização da cidade de Vicência no Estado de Pernambuco



Fonte: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brazil\\_Pernambuco\\_Vic%C3%A2ncia\\_locati%C3%A3o\\_map.svg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brazil_Pernambuco_Vic%C3%A2ncia_locati%C3%A3o_map.svg), acessado em 2023.

**Figura 2** – Mapa da localização de Vicência



Fonte: Mapa de Vicência, Google mapas 2023.

Há uma relação histórica entre Vicência e Nazaré da Mata. Essas terras eram parte da Capitania de Itamaracá e começaram a ser ocupadas pelos portugueses a partir do final do século XVIII, após a anexação definitiva da Capitania de Itamaracá à Pernambuco. Assim, já em 1821 havia uma capela em Laranjeiras sob a invocação de São Joaquim. Região intermediária entre o litoral e os interiores de Pernambuco e Paraíba<sup>2</sup>.

Os engenhos do Vale do Siriji, construídos desde o final do século XVIII foram sendo engolidos pelo avanço da cana de açúcar para alimentar as usinas da região. Entretanto, o Engenho Poço Comprido foi tombado como patrimônio histórico pelo IPHAN<sup>3</sup>, vem sendo administrado pela ASSOCIAÇÃO DOS FILHOS E AMIGOS DE VICÊNCIA, mantendo um Ponto de Cultura que anima os artesões locais e promove aulas para turistas. (<http://pococomprido.com.br/>, acessado em 2019). No espaço das edificações deste engenho funciona o Ponto de Cultura Poço Comprido com atividades voltadas para a cultura popular local e regional e a educação patrimonial, através de oficinas pedagógicas dentro deste contexto e da realização de eventos que divulguem e vivenciem a cultura desta localidade (<http://pococomprido.com.br/>, acessado em 2019). Embora a anos não se têm mais essas atividades na localidade devido à dificuldade dos próprios moradores da cidade de se chegar ao Ponto de Cultura, pois o mesmo se encontra em uma estrada de terra que a tempos vêm sofrendo com buracos, mata alta e assaltos constantes fizeram com que a localidade fica-se um pouco abandonada por moradores e turistas.

## **1.2. A produção da banana e seu papel na cultura de artesanato em Vicência**

A produção de banana em Vicência é de grande importância para a economia da cidade ao lado da cana – de – açúcar que tem seu grande domínio e é a principal atividade agrícola do município. O passado é o presente se misturam de forma objetiva trazendo uma riqueza cultural muito forte para a cidade onde os engenhos de cana, hoje já muito esquecidos e alguns inutilizados nos remetem a um tempo em que a monocultura da banana tentava se equiparar as grandes plantações de cana e sua industrialização cada vez mais forte. Passados meio século a banana ainda busca fincar suas raízes, atualmente, a

---

<sup>2</sup> Vide <http://programaquehistoriaeessa.com.br/?p=206>, acessado em 2021.

<sup>3</sup> Devido ao seu valor histórico e cultural, o Engenho Poço Comprido foi tombado no dia 21 de maio de 1962, tendo sido inscrito no Livro de Belas-Arte sob o nº 468, fls. 86, processo nº 358-T. Para mais informações consultar Vasconcelos (2012).

atividade de cultivo da banana gera mais ou menos 150 mil empregos diretos e indiretos, sendo de grande importância para a sociedade e para a economia de Pernambuco (<https://www.ceasape.org.br/noticias/pernambuco-produz-400-mil-toneladas-de-banana>, acessado em 2019).

As técnicas de irrigação utilizadas na região, dependendo do tamanho do produtor, são poucas sofisticadas e de baixo custo, como a técnica de infiltração, que é realizada cavando-se várias valetas para o plantio, porém sua utilização fica restrita às áreas mais planas do município<sup>4</sup>. Em áreas que se tem maior declividade, alguns pequenos produtores utilizam uma técnica denominada “carneiro hidráulico” que funciona como se fosse um filtro fechado, se valendo da própria força da água. Já os grandes e médios produtores utilizam tecnologias modernas como processos de irrigação e climatização para cultivar esta fruta, melhorando a qualidade, tornando a fruta mais atrativa e abrindo espaço para sua comercialização em outras partes do Brasil. Com foco no novo paradigma imposto ao campo e no enquadramento da vertente agrícola do agronegócio brasileiro, estes produtores têm acumulado excelentes resultados desde os últimos tempos e continuarão a conseguir implementar medidas focadas na melhoria do nível de produtividade que torna os seus produtos competitivos no mercado e capazes de atender aos padrões internacionais de qualidade, possibilitando sua exportação para outros países.

O cultivo da banana se localiza em todas as microrregiões de Pernambuco se concentrado em grande parte na Zona da Mata, onde as chuvas abundantes concentram-se num período de 5 a 6 meses e predomina-se a produção em sequeiro, praticada em grande parte pela agricultura familiar, sendo consistente a utilização de técnicas consideradas arcaicas, que muitas vezes estão numa linha de pobreza que dependem exclusivamente da renda desse plantio e colheita. Alguns pequenos produtores com melhores condições de vida optam por vender alguns de seus produtos nas feiras livres de suas cidades. Médios produtores e grandes comerciantes transportam e vendem bananas em cidades vizinhas, no Centro de Alimentação de Pernambuco (CEASA) ou em supermercados da região metropolitana do Recife e até de outros estados. Desprovidos de recursos para modernizar a sua produção e historicamente recebendo um apoio desigual do Estado em relação ao agronegócio, percebe-se entre os produtores, detentores de pequenos lotes de terras, quando não arrendatários ou parceiros, o agravamento de sua situação socioeconômica.

---

<sup>4</sup> Para um histórico e caracterização da produção de banana em Vicência consulte-se Campos (2005)

Tornando assim Pernambuco o 5º maior produtor de banana com uma produção anual de mais de 400. 000 toneladas. ([www.ceasape.org.br/noticias/pernambuco-produz-400-mil-toneladas-de-banana](http://www.ceasape.org.br/noticias/pernambuco-produz-400-mil-toneladas-de-banana), acessado em 2020)

### 1.2.1 – A fibra de banana em Vicência: aspectos do seu uso artesanal

Quanto ao artesanato, é correto dizer que demanda muito tempo e paciência para se preparar a folha de bananeira e fazê-la chegar ao ponto ideal para uso em trabalhos artesanais, muitos dos artesões dizem que quando eram mais jovens, eles saíam logo cedo, antes do sol raiar para comprar e cortar eles mesmos os troncos de bananeira (Figura 3).

**Figura 3** – Tronco da Banana – Vicência.



Fonte: Vinicius Matos, 2019.

O manuseio com esse tronco é bem trabalhoso e Dona Vera Brito começa a me explicar o passo a passo desse processo. Ela retira a fibra que o reveste para poder começar o preparo da matéria-prima. Primeiro, corta-se cuidadosamente o tronco da

bananeira para retirar com maior facilidade essas fibras, sempre passando um pano na fibra, para ela já sair com menos sujeira. Ao terminar o corte do tronco foi possível observar que ao simples contato da unha, a primeira camada da fibra já se desprende e, com a ajuda da outra mão, vai apenas puxando ela com muita facilidade, tomando sempre cuidado para não quebrá-la, deixando-a inteira. Cada camada de folha da bananeira têm um tipo específico de fibra, que vai desde a mais grossa até aquela bem mais fina, sendo essa última a usada para fazer os acabamentos mais delicados das peças enquanto que a intermediária é utilizada para a ornamentação e a mais grossa é mais voltada para a confecção das peças. Entretanto, pode-se criar peças também sem precisar seguir os critérios mencionados anteriormente para a criação das peças ou sua aplicação no artesanato.

Após a obtenção da fibra que foi cortada, tira-se o filé que consiste no primeiro fio. Toda calha ou fibra sempre terá dois fios de filé. Em cada fibra, corta-se aquele pedaço mais escuro ou que não presta para utilização, e depois começa o processo de retirada de fibras menores, sendo que é no primeiro corte que se obtém a seda; no corte seguinte, faz-se a renda em tiras menores, para facilitar o manuseio.

Depois da extração da fibra de bananeira ali no próprio quintal, que serve como ateliê, elas são colocadas em baldes ou tanques e submersas por cerca de 15 dias, misturadas com água e sabão; essa mistura serve para que a fibra, além de higienização, evite que não adquira fungos ou mofo. Passado esse período, elas são bem lavadas, retirando-se todo o sabão e o xarope da fibra com uma escova, fazendo esse processo de limpeza das fibras. Os artesões também fazem as fibras saírem todas brancas, mas para isso é feito um processo mais rápido e de muito cuidado, mergulhando-as numa solução de água com cloro por alguns minutos, para que ela não se perca ou fique danificada. Através desse processo, ao perceber que a palha está branca, ela é retirada e lavada com água e sabão para remover totalmente o cloro.

Ao final de todo esse processo, elas são colocadas para secar ao Sol, pendurando-as no próprio varal de casa ou dispostas no chão limpo. Tendo passado todas essas etapas, elas ainda são passadas com ferro de passar, para deixá-las com uma aparência delicada e que facilite seu manuseio e, por consequência, a confecção das peças artesanais.

O processo artesanal de confecção dessas fibras vegetais, material natural, possibilita à comunidade local uma forma de se expressar ao produzir em objetos e utensílios seu pertencimento e identidade própria, partindo de uma perspectiva que

Assim, a sociedade local era, ao mesmo tempo, criadora das técnicas utilizadas, comandante dos tempos sociais e dos limites de sua utilização. A harmonia socioespacial assim estabelecida era, desse modo, respeitosa da natureza herdada, no processo de criação de uma nova natureza. Produzindo-a, a sociedade territorial produzia, também, uma série de comportamentos, cuja razão é a preservação e a continuidade do meio de vida. (SANTOS, 1997)

Proporcionando, portanto, um trabalho integrado com a natureza e a sustentabilidade da mesma, devendo-se destacar que a produção não precisa ser feita em sistema de monocultura, mas em um sistema agroecológico, minimizando o impacto causado pelo homem, tornando a produção artesanal muito rica, num ciclo que se aproveita da fibra da banana e, ao mesmo tempo, não agride o meio e as plantações de banana se renovam e garantem que sempre se tenha a matéria-prima em boas condições para o artesanato.

## 2. O ARTESANATO E A PALHA DA BANANA: ONDE O LÚDICO CRIA FORMA

As artesãs de Vicência usam as folhas da bananeira para confeccionar muitas das suas artes como as bonecas sinhazinhas, Nossa Senhora de Fatima, Santo Antônio, São Francisco, anjos, espíritos santos, camafeus, quadros, medalhões, flores, portaguardanapos, sachês, entre outros objetos (Figura 4). Muito das artesãs entrevistadas relataram que o artesanato vem desde muito cedo atrelado a suas vidas, sempre visto como lixo ou descarte esses materiais ganharam outro olhar através deles e assim ganharam formas. Segundo Ruth Kelles da Silva (2018, p. 33):

A habilidade humana para produzir arte deriva das abstrações da mente trabalhando um som, um movimento, uma matéria, ou uma imagem de forma criativa. Ou seja, as melodias produzidas por meio da combinação harmoniosa de sons nos instrumentos musicais, os ritmos que acompanham os movimentos de dança, as esculturas no bojo das artes visuais ao reproduzir formas com relevos em três dimensões, são caminhos pelos quais o ser humano cria como um aspecto possível, a beleza, ao expressar a visão do mundo que o inspira.

Todos estes aspectos levam a estruturação de um espaço com marcas específicas e características que o tornam únicos, assim as relações entre o espaço e as relações que essas artesãs fazem com esse lugar mostra sua força, sua energia, que lhe é própria é que ocorre do que ali acontecem, nas suas vivências diárias que constituem suas trajetórias de vidas.

**Figura 4** – Artesanato diversos com Fibra de Banana



Fonte: Vinicius Matos, 2019.

Quando crianças não tinham brinquedos ou sua casa não dispunha de certos utensílios domésticos e a alternativa encontrada era a criação e confecção de peças artesanais com a fibra da banana. Ao longo de suas vidas muitos atribuem o artesanato como fator determinante para melhorar suas condições financeiras muitas vezes atreladas a outro serviço seja de vendedor em lojas, na área canavieira ou na feira da cidade. Como atestou a senhora Vera Brito uma das entrevistadas:

[...] Quando descobri o valor da fibra de bananeira, antes pra mim era lixo. Começou Deus desejo de possuir uma boneca, porque nunca tive quando criança. Meu pai é dono de uma pequena indústria de doces de banana, daí eu fazia embalagens para-o Nego Bom, mais de 40 anos. (Vera Brito 2019).

De acordo com os questionários muitas trabalham com artesanato mais de 10 horas diárias, tudo isso em suas próprias casas onde elas se permitem esquecer das horas e embarcam em um processo de arte e criação inspirados na sua vivência em particular com a atividade canavieira que deixou para essa geração os seus imensos engenhos e a enorme produção canavieira. Vemos aqui um dos grandes problemas enfrentados por eles a escolarização que alguns poucos conseguiram chegar a um ensino médio completo fazendo com que essa classe trabalhadora tenha uma escolarização baixa e muitas vezes pela idade avançada não tem mais interesse em concluir seus estudos.

Vera nos disse que ela e Flora que são consideradas referências em Vicência com esse trabalho de fibra de bananeira são uma exceção a regra pois conseguiram terminar seus estudos até o ensino médio. Segundo Vera esse desejo de se ter uma boneca quando criança fez com que ela pegasse aqueles pedaços de fibra de bananeira que ficava espalhada pelo terreiro e ela começasse a juntar os pedaços com dobras e amarrações e desse vida aquilo em forma de bonecas, ela relata que até hoje bem viva as lembranças de cada boneca feita e que para ela hoje em dia é difícil se desfazer delas pois são como filhas para ela.

Essas lindas Bonecas são conhecidas como Sinhazinhas (Figura 5) que ela explica que a inspiração vem dos grandes engenhos que ali ainda residem mas que em sua infância todos eram ativos e que via aquelas moças bonitas com belos vestidos as sinhás e aquilo de certa forma ficou como uma imagem de inspiração para suas próprias bonecas. As bonecas são feitas completamente de palha de banana desde sua base até a ornamentação

ela usa palha de milho para as flores dos vestidos pois por se tratar de peças muito pequenas a palha do milho é mais maleável para se confeccionar tais peças.

Para se fazer uma boneca de tamanho grande mestra Vera disse que leva em torno de 20 a 25 dias contando todas as etapas desde o preparo das fibras da banana até o último estágio de ornamentação, segundo ela as sinhás nunca são as mesmas ela sempre cria algo novo em cada uma, um detalhe que diferencia uma de outra quase que como um sopro de vida cada uma nunca será igual a outra, como se ganhassem vida através das mãos hábeis de mestre Vera. Ela explica que não sabe costurar por isso é feito tudo cuidadosamente com cola quente, tesouras de diversos cortes, cortadores de papel, esmaltes, fibra e palha de banana e milho. Trabalhando no terraço de sua casa em Vicência diz que nunca fez um curso para pintura ou algo tipo para aplicar nas suas Sinhás, sempre foi sua criatividade e estudo por ela mesmo de pegar as palhas e ir dando formas e moldes até criar as coisas que ela imaginava. (NASCIMENTO, 2012). Neste sentido, a figura do mestre artesão toma corpo muito por razões subjetivas, o que ele constrói é significado por sua comunidade. Muitos mestres pernambucanos agregaram à sua “marca estética” traços de uma culturalidade e seu ambiente natural, trazendo através de seus ofícios notoriedade para seus lugares, formando discípulos e construindo um legado.

Como professora inativa, Vera se recorda desse tempo com carinho pois ama ensinar e se diz muito contente quando é convidada para fazer oficinas. Segundo ela já palestrou em diversos lugares como: Aratuba, Baturité, Ceará, Guaramiranga, Pernambuco e Palmeiras dos Índios. Já em Pernambuco temos Vicência seus distritos e engenhos, Alagoinha, Bezerros, Cachoeirinha, Cupira, Orobó, Panelas entre outros. E alguns projetos como o Projeto Tortura Nunca Mais e 2 aldeias dos Xucurus em Pesqueira.

Todavia, afirma que hoje em dia se entristece pois quando se abre uma oficina ou curso poucos se interessam em fazer e aprender o artesanato da fibra de banana, muitos se matriculam e quando começam o curso desistem logo pois acham muito trabalhoso o preparo da palha de banana, muitos querem que a palha já esteja toda preparada e pronta para vender e assim apenas se entrar com o processo de confecção e por conta disso as turmas as vezes não sobram nem 5 pessoas para aprender e isso para ela é muito triste, por conta que o ensinamento se perde e acaba que as gerações futuras deixam de lado a sua cultura e não há um seguimento dessa arte em sua própria cidade onde esse artesanato é

muito forte. Ela finaliza dizendo que “amo a arte isso resume tudo que sinto pelo artesanato”

**Figura 5** – Bonecas Sinhás & Mestra Vera Brito



Fonte: Vinicius Matos, 2019.

Em Vicência a AFAV – A Associação dos Filhos e Amigos de Vicência<sup>5</sup> é uma organização não governamental, fundada no ano de 1999, com o objetivo de resgate e promoção da cultura local, podendo atuar em todo território nacional. Responsável pela gestão e a preservação do Engenho Poço Comprido e da Escola de Cultura Canavial Frei Caneca e sua divulgação através do artesanato feito pelos moradores. Em sua composição há os núcleos de administração, formação, gastronomia, artesanato, receptivo e manutenção. A dinâmica da AFAV é captar recursos a partir de editais estaduais, nacionais e internacionais, o que permite a realização das atividades de formação e promoção da cultura popular tradicional e patrimonial, resultando na preservação do patrimônio histórico nacional, Engenho Poço Comprido, resgate e promoção da cultura popular e patrimonial brasileira.

A AFAV tem como objetivos específicos: Restaurar o acervo cultural existente. Revitalizar o patrimônio cultural. Incentivar uma política cultural no território brasileiro

<sup>5</sup> Para mais informações vide <https://pococomprido.com.br/afav-associação-dos-filhos-e-amigos-de-vicência/>, acessado em 04 de setembro de 2023

em todas as diversas áreas de atuação: teatro, dança, audiovisual, fotografia, artesanato, patrimônio, cultura popular, cultura negra, música, literatura, artes plásticas, moda, circo, cultura digital, meio ambiente, gastronomia (bufê e outros serviços de comida preparada), coordenação e supervisão cultural, e, produção cultural. Conservar o patrimônio cultural: arquitetônico, paisagístico, ambiental, os bens móveis, os costumes e hábitos do povo brasileiro. Desenvolver uma política de captação de recursos. Desenvolver uma política de turismo cultural. Revitalizar parcerias com instituições públicas e privadas. Fomentar pesquisas e formação na área cultural e cidadã do território brasileiro. Realizar as atividades inerentes ao Ponto de Cultura Poço Comprido e à Escola de Cultura Canavial Frei Caneca. O Engenho Poço Comprido é de propriedade da usina Laranjeiras a qual cedeu em comodato a AFAV para gerir as edificações históricas que é o Museu Poço Comprido. (<https://pococomprido.com.br/afav-associacao-dos-filhos-e-amigos-de-vicencia/> acessado em 2023)

O Engenho Poço Comprido após sua reforma e restauro têm sido sempre visto com inquietação quanto a sua sustentabilidade, hoje funciona mais em um sistema de agendamento para visitas onde se torna cada dia mais difícil a abertura desse espaço de cultura para todos, pois segundo relatos dos próprios moradores locais as visitas cada dia têm ficado menos frequentes, quase não são mais visitados e também têm a questão de deslocamento até o museu a falta de infraestrutura básica para receber os turistas, o próprio desinteresse e desconhecimento do local como referência em artesanato e cultura, a falta de articulações e a completa falta de políticas públicas voltadas para esse patrimônio.

A comunidade fica praticamente isolada de Vicência e relatam que a muito tempo não se têm eventos, oficinas ou mesmo capacitações, fazendo com que o artesanato tenha pouco reconhecimento e isso acaba que por ser um dos grandes motivos de não se haver uma renovação de artesões na comunidade.

Gonçalves (2007, p.18 e 19) aponta que

À medida que o patrimônio se refere ao homem, à sua cultura, história e valores, este passa a ser o eixo do processo de desenvolvimento, contrapondo-se à tecnocracia e à perversidade do livre mercado. Considerando que o patrimônio cultural materializa os laços que unem um povo historicamente e geograficamente, torna-se clara sua importância como instrumento de cidadania e inclusão social, com impactos na qualidade de vida e na autoestima das populações.

Em contrapartida temos a extensão desse museu em Vicência com um estande no Mercado Municipal (Figura 5) dedicado ao artesanato, que propicia aos turistas a compra de peças da fibra de banana com fácil acesso pela cidade, em alguns depoimentos muitos artesões disseram que ao mesmo tempo que essas peças ficam expostas num pequeno estande uma por cima da outra de nada adianta pois não se tem a devida visibilidade e divulgação dessas artes não passa de um lugar morto e sem vida onde deveria ser espaço para artesanato se têm esse local com mais estandes de eletrônicos e outras coisas que não são artesanato que acabam por demonstrar esse descaso com os artesões que se dizem chateados por não haver mais empenho por parte de governantes para mudar essa realidade.

**Figura 6** – Mercado Público de Vicência.



Fonte: Vinicius Matos, 2019.

Segundo Flora umas das artesãs de Vicência relata que a associação não funciona e que ela e Vera nem fazem mais parte, antigamente quando Dr. Eva, era a prefeita as coisas eram melhores para eles, davam aulas de artesanato em escolas e foi fundando o mercado Municipal justamente para abrigar todos os artesões de Vicência para se dá aulas e expor suas peças para os turistas. Flora aponta que: “Hoje em dia faz vergonha você entrar no mercado, tem loja de concerto de sapato, loja de eletrônicos e bijuterias, o artesanato fica

no último estande é e só um, aí eu digo já que fizeram uma coisa dessas, tinha deixado o primeiro estande para o artesanato”. Várias dessas discussões sobre essa estruturação do mercado ocorreram antes e no decorrer das entrevistas, mas sempre com um tom de desânimo e tristeza sobre esse espaço, há uma tentativa de implementar a atividade turística, porém sem nenhum planejamento futuro para a edificação.

A Fenamata, a feira de negócios do artesanato da Zona da Mata<sup>6</sup> aconteceu no município de Vicência em 2018 (2º edição), no mercado municipal da cidade. O evento tentou promover o comércio de produtos artesanais feitos no interior de Pernambuco. Cerca de 200 produtores de artesanato manual participaram da feira, vindos de diversos municípios, como Aliança, Buenos Aires, Itaquitinga, Lagoa de Itaenga, Lagoa do Carro, Macaparana, Nazaré da Mata, Paudalho e outros. Os agricultores que movimentam suas mãos para girar a economia açucareira e bananeira da Zona Norte da Mata, são também mãos hábeis em criar e confeccionar as palhas da bananeira em arte (Bonecas, esculturas, bolsas e sandálias), quando estão no período que não está havendo a safra de cana-de-açúcar, muitos trabalhadores dedicam seu tempo ao trabalho manual para conseguir uma fonte de renda para a família.

Na semana que antecedeu o evento, as artesãs participaram de oficinas de olaria, confecção de mamulengo e reciclagem de pneus (Figura 7). Maria, uma das entrevistadas, disse que foi maravilhoso os dias desse evento pois pode aprender outros artesanatos em conjunto com seus filhos e marido que tiveram essas aulas ministradas na Escola Municipal Comunidade Cristã Vânia Jerônimo, na Zona Rural de Vicência. Nesse período a diminuição das contratações dos safristas para o corte na cana-de-açúcar, fez com que se tivesse uma grande procura pelos cursos oferecidos nesse evento, muitos nunca tinham tido nem um contato com essa cultura de artesanato e foi justamente um ponto crucial para se objetivar o desenvolvimento das pessoas para a confecção e criação de artes e para que elas dessem mais valor à sua cultura local.

A Feira Nacional de Negócios do Artesanato (FENEARTE), que é considerada a grande vitrine para o país e para o mundo do artesanato local, uma das maiores feiras de

---

<sup>6</sup> Ver “Feira de artesanato oferece atividades gastronômicas, turísticas e culturais gratuitas na Zona da Mata” disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2018/09/07/feira-de-artesanato-oferece-atividades-gastronomicas-turisticas-e-culturais-gratuitas-na-zona-da-mata.ghtml> acesso em 04 de setembro de 2023

artesanato da América Latina é uma grande oportunidade para os artesãos vicencianos divulgarem e venderem seus produtos. No estande principal de Vicência sempre se têm a presença das ilustres artesãs Vera Brito e Flora Travassos, cuja entrevista nos deu uma dimensão dos bastidores desse grande evento; segundo elas essa é a época que mais vendem, ficam cheias de serviço tanto para levar para o estande, e as encomendas que são muitas após o término do evento, já participaram de 18 edições da Fenearte, contam que nas primeiras edições dividiam o mesmo estande, um pequeno espaço para elas mostrarem suas artes.

**Figura 7** – Artesanato com reciclagem de pneus.



Fonte: Vinicius Matos, 2019.

Ao decorrer dos anos na Fenearte Flora e Vera resolveram seguir caminhos diferentes em suas artes e resolveram se separar e cada uma teve seu próprio estande. Flora relata que os artesões da cidade esperam com muito ânimo pelas datas da Fenearte para levarem

um pouco da sua arte e ao mesmo tempo conta que é difícil para se conseguir manter na Capital, pois têm despesas com o aluguel de estande que ela diz que chega a ser quase R\$ 5.000,00 para alugar um pequeno espaço e que isso deveria ser mais barato para os artesões e que também têm as hospedagens durante o evento e que são muitos gastos para um artesanato custear.

Ela conta que sempre têm o apoio da Prefeitura da cidade para custear a metade dos gastos com o evento, mas que vê muita dificuldade na seleção para conseguir as vagas para se obter um estande no evento, pois todo ano se têm uma regra diferente e não se mantem um padrão de seleção, que ela ficou uns 2 anos sem poder participar por conta dessas seleções e isso a deixou muito desmotivada na época, pois para ela a sua arte é tudo é o mesmo que respirar ela chega à trabalhar mais de 12 horas diárias e vê isso como uma diversão um hobby, algo que a proporciona extrema alegria e satisfação.

**Figura 8** – Dona Flora Travassos e seu artesanato.



Fonte: Vinicius Matos, 2019.

### **3 APRENDIZADO NO ARTESANATO APÓS UMA PANDEMIA.**

A COVID-19 chegou ao Brasil em fevereiro de 2020, e desde então o país enfrentou uma série de desafios relacionados à pandemia. O Brasil se tornou um dos países mais afetados pela doença no mundo em termos de casos e mortes, em parte devido a uma resposta inicialmente descoordenada e à disseminação rápida do vírus. O estado de Pernambuco, localizado na região nordeste do Brasil, implementou medidas de lockdown como parte de suas estratégias para conter a disseminação da COVID-19. (<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2021/03/15/pernambuco-decreta-quarentena-em-todo-o-estado-para-conter-piora-da-pandemia-de-covid-19.ghtml>, acesso em 2023)

Um lockdown é uma medida extrema que envolve a restrição significativa das atividades e movimentações da população, com o objetivo de reduzir drasticamente a transmissão do vírus.

Alguns aspectos importantes do lockdown em Pernambuco incluíram:

- Restrições de movimento: Durante o lockdown, as pessoas foram instruídas a permanecer em casa, com permissões limitadas para saídas essenciais, como compras de alimentos e cuidados de saúde.
- Fechamento de negócios não essenciais: Muitos estabelecimentos comerciais, incluindo lojas, bares e restaurantes, foram temporariamente fechados.
- Suspensão de atividades educacionais: Escolas e universidades suspenderam aulas presenciais durante o lockdown.
- Uso obrigatório de máscaras e distanciamento social: Medidas de saúde pública, como o uso de máscaras faciais e o distanciamento social, foram reforçadas durante o lockdown.

O lockdown em Pernambuco, como em outros lugares, foi uma medida controversa, gerando debates sobre seus impactos econômicos e sociais, bem como sua eficácia na redução da transmissão do vírus.

A pandemia de COVID-19 teve um impacto significativo na sobrevivência dos artesãos em todo o mundo. Muitos artesãos dependem de feiras, mercados e eventos locais para vender suas criações, e o cancelamento desses eventos devido às restrições de distanciamento social e medidas de lockdown resultou na perda de uma fonte crucial de renda. Além disso, a diminuição do turismo e das atividades econômicas afetou a

demanda por produtos artesanais, deixando muitos artesãos lutando para manter seus meios de subsistência. No entanto, alguns artesãos também mostraram resiliência, adaptando-se às circunstâncias desafiadoras, aproveitando as oportunidades online e colaborando em redes de apoio para superar os desafios econômicos trazidos pela pandemia. A pandemia destacou a importância de apoiar a comunidade de artesãos e promover o comércio justo, garantindo que esses talentosos criadores culturais possam continuar a prosperar em meio a crises globais.

No contexto específico de Vicência, Pernambuco, a artesã Vera Brito, juntamente com as demais artesãs também enfrentaram desafios durante esse período. As restrições de distanciamento social levaram ao cancelamento de feiras e eventos, prejudicando suas oportunidades de vendas presenciais. No entanto, adaptando-se à situação, elas migraram parte de suas atividades para plataformas online, buscando alcançar um público mais amplo e sustentar sua arte durante esse período desafiador. Sua jornada reflete a resiliência e a capacidade de adaptação dos artistas diante de desafios inesperados, enquanto continuam a preservar e compartilhar suas tradições artísticas únicas.

A passagem da pandemia deixará uma marca duradoura na forma como essas artesãs operam e se relacionam com o mundo exterior. Espera-se que, com o tempo, elas possam se beneficiar das lições aprendidas durante esse período desafiador, encontrando um equilíbrio entre a tradição e a inovação, e continuando a encantar o mundo com sua arte única e habilidades incomparáveis.

São estas mulheres que, sozinhas ou em coletivo, preservam tradições centradas no discurso e na arte, tecem redes de partilha e aprendizagem baseadas na valorização, troca e histórias de conhecimentos técnicos e experiências que são transmitidas às novas gerações de acordo com um contexto específico.

### **3.1 – Patrimônio vivo e Mestre Vera Brito de Vicência**

O Cadastro do Patrimônio Vivo de Pernambuco, que é organizado anualmente por meio de concurso, é composto por diferentes etapas. Primeiramente é realizada a etapa de qualificação técnica da documentação do candidato, depois uma comissão especial de análise elabora pareceres sobre os candidatos aceitos, levando em consideração critérios como: a importância do trabalho desenvolvido, a idade do candidato ou o tempo de existência do grupo e a avaliação de questões sociais. Na terceira etapa, os pedidos são

analisados pelo Conselho Estadual de Conservação do Patrimônio Cultural (CEPPC), que decide sobre a nomeação e registro de seis novos patrimônios vivos no estado de Pernambuco.

No dia 17 de agosto de 2023, o Governo de Pernambuco por meio da Fundarpe, entregou o título ao novo Patrimônio Vivo do Estado. A data da cerimônia coincidentemente também é celebrada o Dia Nacional do Patrimônio Histórico. A 16ª Semana do Patrimônio Cultural de Pernambuco ocorreu no Teatro de Santa Isabel, em Recife. Vera Brito de Vicência, que confecciona bonecas com fibra de bananeira e palha de milho, se tornou patrimônio vivo. Por não ter tanto destaque na mídia estadual, a fonte utilizada foi a matéria de um dos jornalistas locais do município de Vicência, chamado Djalma Lopes. (<https://blog.djalmaalopes.com/2023/08/mestra-vera-brito-de-vicencia-artesa.html>, acesso em 2023)

**Figura 9** - Mestra Vera Brito recebendo sua titulação de patrimônio vivo.



Fonte: Djalma Lopes à quinta-feira, agosto 17, 2023

Como resultado desse reconhecimento, a lei RPV-PE prevê um subsídio mensal ao registrador que deve ser utilizado para atividades relacionadas à preservação e transmissão de informações, cabendo também ao Governo de Pernambuco, em especial, a

Secretaria da Cultura em conjunto com a Fundarpe, desenvolver e ampliar a promoção, apoio, incentivo, conservação e divulgação desses patrimônios vivos.

Estes artistas são regularmente convidados a participar de atividades como: Festival de Inverno de Garanhuns – FIG (palcos, oficinas na Alameda dos Mestres, etc.); Ciclos Carnavalesco, Junino e Natalino; Semana do Patrimônio Nacional; Feira nacional de comércio e artesanato (Fenearte) e atividades especiais em colaboração com outras instituições estaduais e municipais, que incluem também instituições de ensino, desde a educação infantil até o ensino técnico e superior.

A maestria de Mestra Vera em diversas técnicas artesanais logo chamou a atenção da comunidade, dos especialistas e das autoridades culturais. Sua habilidade em trabalhar com materiais naturais, como madeira, cerâmica e tecidos, destacava-se pelo cuidado e pela autenticidade. Além disso, sua disposição em compartilhar suas habilidades com os mais jovens evidenciava sua preocupação com a continuidade das tradições.

Mestra Vera Brito não é apenas uma artesã habilidosa, mas também uma guardiã do legado cultural de sua região. Sua história ilustra como o compromisso pessoal, a devoção ao ofício e a transmissão de conhecimento podem criar um impacto profundo e duradouro nas comunidades e na preservação das tradições. Ela é um exemplo inspirador para futuras gerações de artesãos e um símbolo vivo da importância do artesanato como parte intrínseca da identidade cultural. Para (SANTOS, 2011, p.471) O homem, por natureza e analisado em termos genéricos, é um artesão, um artista, dada a capacidade que possui de poder conciliar e adaptar o pensamento aos movimentos certos e harmoniosos das mãos. Possui imaginação, gosto e habilidade manual.

Desde cedo, Mestra Vera demonstrou um amor profundo pelas artes manuais e um interesse especial pelas técnicas tradicionais de sua região. Com um compromisso em aprender, aprimorar e transmitir seu conhecimento, ela se dedicou a aperfeiçoar seu ofício ao longo dos anos. Suas criações refletiam a riqueza da cultura local, incorporando elementos históricos e artísticos que contavam histórias por meio de suas peças únicas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática do artesanato em Vicência, assim como em qualquer outra região, possui um valor cultural e econômico significativo. Ela contribui para preservar tradições locais, estimula a criatividade e oferece oportunidades de geração de renda para os artesãos locais. No entanto, também enfrenta algumas dificuldades que podem impactar sua continuidade e crescimento. O artesanato de Vicência desempenha um papel importante na preservação da identidade cultural da região. Ele é muitas vezes enraizado em tradições antigas, transmitidas de geração em geração, e é uma forma de expressão que reflete a história, os valores e os modos de vida locais.

Nessa pesquisa se propôs investigar como os artesões vêm enfrentando as desigualdades ao longo das décadas diante de uma sociedade cada vez mais desapegada de valores culturais e agregando valores a outros bens que não culturais. Esse trabalho foi desenvolvido no Município de Vicência –PE. Foram realizadas visitas as comunidades do município, houve a realização de entrevistas aos artesões e a partir dos dados coletados faz-se necessário um olhar diferenciado vendo que as melhorias ao longo do tempo são poucas ainda, como o difícil acesso a aprendizagens na área, a falta de reconhecimento de sua própria comunidade sobre sua cultura, percebe-se um certo desconforto e tristeza na fala dos artesões quando indagados sobre o assunto.

Durante a realização das visitas de campo encontramos algumas dificuldades para chegar nas localidades dos engenhos e onde os moradores residem, nos deparamos com estradas esburacadas de difícil acesso. Salientando que a casa de cultura no Engenho Poço Comprido não abre todos os dias e que só a visitação se tiver um grupo grande de visitantes, e que assuntos acerca desse artesanato se resolve no mercado público da cidade que também deixa muito em aberto essas questões sobre compra e vendas do artesanato na cidade.

Embora o artesanato tenha potencial para gerar renda, os artesãos muitas vezes enfrentam desafios econômicos. A concorrência com produtos industrializados, a sazonalidade das vendas e a dificuldade de acessar mercados mais amplos podem limitar o potencial de lucro do artesanato. Para manter a qualidade e a relevância do artesanato, é crucial investir em treinamento e capacitação para os artesãos. Isso pode envolver o aprendizado de novas técnicas, design contemporâneo, gestão de negócios e marketing, a fim de tornar seus produtos mais atrativos e competitivos no mercado.

A comercialização dos produtos artesanais pode ser um desafio. É importante criar canais eficazes de distribuição e promover o artesanato local em mercados turísticos, feiras culturais, lojas especializadas e plataformas online. É fundamental que a própria comunidade reconheça e valorize o trabalho dos artesãos locais. Incentivos governamentais, parcerias com instituições locais e a conscientização sobre a importância do artesanato podem contribuir para seu fortalecimento.

Em conclusão, a prática do artesanato em Vicência é valiosa do ponto de vista cultural e econômico, mas enfrenta desafios que requerem atenção e ação. Com esforços adequados para preservar suas tradições, promover a capacitação dos artesãos e garantir o acesso a mercados, é possível superar essas dificuldades e garantir um futuro próspero para o artesanato local.

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, Edilza Bandeira de Arruda. **O processo de crescimento do povoado de Borracha, em Vicência-PE.** (dissertação de mestrado PPGEO/UFPE). Recife, UFPE, 2005.

CLAVAL, Paul. **A Geografia cultural.** Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1999.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008. 220p.

<https://blog.djalmaopes.com/2023/08/mestra-vera-brito-de-vicencia-artesa.html>

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/vicencia/historico>

<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/economia/2021/03/governo-de-pernambuco-decreta-quarentena-mais-rigida-a-partir-de-quint.html>

<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2021/03/15/pernambuco-decreta-quarentena-em-todo-o-estado-para-conter-piora-da-pandemia-de-covid-19.ghtml>

<http://pococomprido.com.br/>

<http://programaquehistoriaeessa.com.br/?p=206>

[https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brazil\\_Pernambuco\\_Vic%C3%A2ncia\\_location\\_map.svg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brazil_Pernambuco_Vic%C3%A2ncia_location_map.svg)

<http://vicenciaprevi.pe.gov.br/conheca-a-cidade/>

<https://www.ceasape.org.br/noticias/pernambuco-produz-400-mil-toneladas-de-banana>

<https://www.folhape.com.br/cultura/patrimonios-vivos-de-pernambuco-titulados-na-16a-semana-do-patrimonio/286714/>

<https://www.folhape.com.br/cultura/governo-do-estado-anuncia-novos-patrimonios-vivos-de-pernambuco-saiba/285403/>

MOREIRA, Daniel Augusto. O método fenomenológico na pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NASCIMENTO, L. M. A. L. do. Saberes e Fazeres na Construção Social da Maestria: um estudo dos mestres ceramistas da Bahia. *In: Revistainter-legere*. Natal, n. 10, de Jan/Jun., 2012. Disponível em: <[www.cchla.ufrn.br/interlegere/10/pdf/10es04.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/10/pdf/10es04.pdf)>. Acesso em: 08 dez. 2017.

SANTOS, M. **A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, R. M. **Histórico do Concelho de Lagoa**. Lisboa: Colibri, 2011.

SILVA, Rutt Keles Alexandre da. **Práticas artesanais formadoras de paisagens culturais: um olhar sobre a sustentabilidade** / Rutt Keles Alexandre da Silva. – 2018.

VASCONCELOS, Marcela Correia de Araújo. **A salvaguarda do Engenho Gaipió: um estudo comparativo entre os instrumentos jurídicos tombamento e chancela da paisagem cultural**. Rio de Janeiro, IPHAN, 2012.

## 9. APÊNDICE

## APÊNDICE A questionário de artesanato



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**Licenciatura em Geografia**  
**Vinicius Matos de Souza**  
**VICÊNCIA A CULTURA E O ARTESANATO SE MOLDAM NOS**  
**ENGENHOS E NA FIBRA DA BANANA**

- 1° Como tudo começou? Desde quando sua paixão por artesanato existe? Desde meus 10 anos q/ já trabalho c/ arte, depois conheci o artesanato de banana e fui me aperfeiçoando e hoje só trabalho c/ reciclando produtos e apresento valores da BANANA.
- 2° Qual o seu Grau de Escolaridade? Se largou os estudos, por quais motivos foram?  
 Superior incompleto, falta da condições financeira principal fator.
- 3° Fora você quantas pessoas moram na sua casa? Tem filhos? Se sim quantos, e o que fazem?  
 3 pessoas, 2 filhas, estudantes.
- 4° Mais alguém na família trabalha com Artesanato? Se sim, quem são essas pessoas?  
 Sim, 2 pessoas
- 5° Qual o seu tipo de trabalho artesanal? Onde você costuma vende-lo e divulga-lo?  
 Reciclagem c/ garrafas, e/ banana (palha) renda e fibras. Vendo na comunidade, no momento p/ internet.
- 6° Existe alguma cooperativa ou associação? se sim qual a importância dela para seus produtos? Existe mas, muito vaga
- 7° A Cana de Açúcar influência em seu artesanato? Se sim, de que forma?  
 Para mim não!
- 8° Além de artesão, você exerce outra profissão? Qual? Quanto do seu tempo você se dedica ao artesanato? Sim! Agente de desenvolvimento, horas precisamente à noite (umas 5 horas)
- 9° Você busca no artesanato uma fonte de renda ou um meio de aliviar o stress ou ambos?  
 Não deixa de ser uma terapia e uma renda extra.
- 10° Que tipo de trabalho artesanal lhe proporciona mais prazer?  
 Trabalhar com minhas garrafas e caixas de palha de banana.
- 11° Quais materiais você costuma utilizar? Que equipamentos usa?  
 - garrafas; fios; palha de banana; quadros color quente e frio; fibras e renda refecion

**APÊNDICE B** questionário de artesanato

12° Onde você busca conhecimento, novas técnicas, aprendizado etc.?

Procuro aperfeiçoar através dos programas da internet e sempre agregar realce.

13° Você trabalha sozinha(o) ou têm uma equipe? Você têm um ateliê ou compartilha espaços

de casa para suas criações? Trabalho com minhas filhas, estúdio no espaço de minha casa.

14° Quais os desafios e dificuldades de se atuar no mercado de produtos feitos à mão?

Os pessoas não valorizam muito, só quem gosta realmente de artesanato sabe de valor, as dificuldades são muitas.

15° Como você divulga seu trabalho? → Boca a boca e agora na internet, mais também com o conhecimento dos meus trabalhos reais muito encorajados.

16° Quais são as principais dificuldades encontradas no artesanato?

- Valorização e reconhecimento do produto

17° Existe apoio de instituições do Governo? Ou algum auxílio do Governo ou de Empresas?

Não! só recursos próprios

18° O Município oferece treinamento, palestras e eventos voltados para o artesanato?

Já ofereceram mas, no momento não!

19° De acordo com a LEI N° 13.180, de 22 de Outubro de 2015, Artigo 4. Você possui a

carteira de identificação de artesão? Senão, quais as dificuldades para se obter?

Já tenho!

20° Pra fechar, fale um pouco sobre sua vida e trabalho e como isso é importante para você?

Sou apaixonada pelo artesanato, gosto de diversificar os trabalhos mas, meu carro chefe é artesanato da Banana e customizações das jóias de época (Páscoa, São João e Natal). Faço peças também de madeira, recebi apoio pelo "SEBRAE" porque é todo artesanal. Trabalho como artesã desde meus 12 anos. Tenho uma capacidade de aprender e estou sempre querendo me aperfeiçoar. Me chamo Rosário Nunes, tenho 61 anos e sempre morei aqui em Vitória.